

1.

INTRODUÇÃO

A relação entre ordem e desordem atrai nas últimas décadas cada vez mais atenção tanto nas ciências da natureza quanto nas ciências humanas. Dentro da lógica de oposição binária, bastante difundida no Ocidente, ordem é entendida como oposição à desordem. Sabe-se o que é ordem pela relação opositiva à desordem.

A partir da segunda metade do século XX, mais especificamente a partir da década de 1970, os estudos sobre dinâmica caótica começaram a oferecer uma nova perspectiva para a relação entre ordem e desordem.

Caos sempre foi sinônimo de desordem. No senso comum, ainda possui essa acepção. Mas com a evolução das pesquisas, caos passou a ser entendido como uma nova forma de ordem cujo funcionamento ainda era desconhecido. No senso científico, caos passou a significar novas estruturas de ordem.

A ciência do caos ou da complexidade surgiu do interesse de alguns cientistas como Michel Fegenbaun, Prigogine e Stengers, Edward Lorenz e etc. pelo lado irregular, incerto e instável de alguns fenômenos da natureza. Assim a turbulência meteorológica, a desordem do mar turbulento, as variações das populações animais, a dinâmica não-linear, a termodinâmica irreversível, as oscilações dos batimentos cardíacos e das frequências cerebrais foram estudados a partir de modelos caóticos, i. e., a partir do interesse pelo irregular, pelo aleatório, elementos descartados em qualquer modelo científico tradicional.

O lado incerto e irregular da natureza, monstruosidades para a ciência tradicional, tornam-se elementos centrais da nova ciência.

Os estudos sobre dinâmica caótica ganharam força a partir da década de 1970 quando cientistas americanos e europeus começaram a encontrar certos padrões de para a desordem.

Novos objetos de pesquisa requerem novos métodos. Trazendo a complexidade para os estudos das leis da natureza, os estudiosos do caos se viram obrigados a criar novos métodos de pesquisa. Desse modo, técnicas especiais de

uso dos computadores e tipos especiais de imagens gráficas – fotos que revelam a surpreendente estrutura presente na complexidade – foram criados. O caos, para alguns físicos, é a ciência do devir, a ciência do vir-a-ser. Entender o processo que gera os fenômenos é o foco das pesquisas na ciência do caos.

Os modos de trabalho aceitos pela ciência tradicional são desafiados. O caos vale-se do comportamento universal da complexidade. Os estudos dos pesquisadores do caos, entre eles Edward Lorenz, Prigogine, Michel Feigenbaum e B. Mandelbrot apontam como características principais de fenômenos caóticos a não-linearidade, a não-seletividade, a auto-reflexividade, a fragmentação e a complexidade.

Segundo James Gleick, “o caos rompe as fronteiras que separam as disciplinas científicas. Por ser uma ciência de natureza global dos sistemas, reuniu pensadores de campos que estavam muito separados” (1989, p. 5). Gleick refere-se à aproximação que ocorreu, no primeiro momento das pesquisas dentro da metodologia da ciência do caótico, entre os trabalhos dos físicos, matemáticos, biólogos e médicos.

Em 1977, Ilya Prigogine ganha o Nobel de Química por suas pesquisas acerca da termodinâmica do não-equilíbrio e por sua teoria das estruturas dissipativas – criação da ordem pela desordem. Esse estudo deu origem ao conceito de ordem por flutuações, elemento que provaria o papel desempenhado pelo caos entrópico e suas infinitas flutuações (bifurcações) na geração de novas organizações complexas. A teoria de Prigogine admite a sua aplicação em diversos domínios: desde um grande fenômeno meteorológico à organização de formigas ou ao crescimento de populações urbanas.

As pesquisas de Prigogine apontam para uma “nova aliança”, para a aproximação entre as culturas científica e humanista, que produzem interrogações acerca dos mesmos fenômenos: o devir, o acaso organizador, a desordem. Instituiu-se um novo paradigma que permite o diálogo entre campos do saber tão distintos.

Orientando nosso olhar no viés de um campo cultural mais amplo, procederemos em nossa pesquisa a aproximação entre os estudos literários, tendo como corpus o texto de *Mongólia*, publicado em 2003, e as ciências do caos e dos fractais.

Na esfera dos estudos humanísticos, o fenômeno cultural contemporâneo parece ser marcado pelo pós-moderno, termo gerador de muitas definições e

subdefinições que colocam em campos opostos defensores e opositores a ele. Mais interessante que as teorizações e os debates acerca da própria terminologia são os recursos, os artifícios estéticos atribuídos ao pós-modernismo, entendido como gerador de uma forma particular de expressão.

Associadas ao pós-modernismo vêm-se palavras como descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e anti-totalização. Parte da retórica que acompanha as definições sobre o pós-moderno, estas palavras demonstram uma atitude de contestação e subversão presentes na atmosfera pós-moderna. Nesse sentido, o “pós-modernismo é um fenômeno contraditório que usa, abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, no cinema, no vídeo, (...), na lingüística ou na historiografia” (HUTCHEON, 1991, p. 19).

A maioria dos trabalhos críticos sobre o pós-modernismo tem como foco principal a narrativa literária, histórica ou teórica. A autoconsciência de que o conhecimento e a história existem como discursos permite a exploração de suas convenções. Negando qualquer arquétipo de narrativa-mestra, o pós-modernismo faz valer a sua retórica da negatividade (HUTCHEON, 1991) e emprega o prefixo ‘des’ para estabelecer-se enquanto elemento que contesta a concepção de que o conhecimento é basicamente narrativo.

Além da incredulidade nas narrativas-mestras, a arte pós-moderna problematiza princípios como valor, ordem, sentido, controle e identidade.

Localizado neste espaço, o texto do livro *Mongólia* de Bernardo Carvalho permite a visualização do questionamento dos princípios supracitados. Em função desses questionamentos pensamos ser possível, ainda que de forma metafórica, estabelecer relações entre a cartografia narrativa do livro e a teoria do caos e dos fractais.

A narrativa sobre a procura por um brasileiro desaparecido na Mongólia constrói-se pela leitura e paráfrase de supostos diários deixados pelos narradores-personagens o desaparecido e o Ocidental.

Problematizando a questão das identidades e da interação entre texto-leitor, a narrativa de *Mongólia* coloca em cheque a noção totalizante que os arquétipos de narrativas tradicionais apregoam.

O arranjo estrutural do romance de Bernardo Carvalho parece possuir uma estreita relação com o processo de formação identitária complementar

estabelecido entre os narradores-personagens-leitores (o Diplomata, o Ocidental e o desaparecido).

R. D. Laing, estudioso da antipsiquiatria, propõe que a constituição de identidade humana é fruto de um complexo processo de interação social. Na perspectiva da interação diádica, o ser humano possui um processo de formação de identidade complementar, nesse sentido, totalmente fragmentada na medida em que nosso ‘eu’ assume várias identidades refletoras da interação entre o ‘eu’ e o ele, ela, eles, elas e nós. O ‘eu’ se torna plural na medida em que circula em várias esferas sociais.

Alterando a noção de identidade subjetiva individualizada a narrativa de *Mongólia* fragmenta a voz narrativa onisciente, característica de narrativas-mestras e pretensamente lineares, e instaura a coexistência de várias vozes narrativas que interagem dentro da perspectiva de interação diádica. A interação entre os narradores-personagens-leitores de *Mongólia* seria um artifício que promove a fragmentação narrativa?

O primeiro capítulo de nossa dissertação investigará as implicações desse questionamento. Nesse intento, tentamos definir o conceito de identidade através de visão orientada pela relação entre elementos da sociologia, da cultura e da psicologia.

A partir dos argumentos de Stuart Hall, falamos das várias concepções de identidade e focamos nossa atenção na concepção de identidade do sujeito contemporâneo, segundo a qual a identidade do sujeito desse período, fruto de grandes mudanças estruturais e institucionais, teria sofrido um processo de fragmentação, instabilidade, não podendo mais ser concebida como fixa, estável e unificada. Em função disso a identidade pós-moderna é conceitualizada como instável, flutuante e fragmentada.

Analisamos a influência de elementos como o computador, a internet, e a mídia no processo de construção de identidade subjetiva e cultural e tentamos perceber toda a complexidade do processo quando esses elementos são estudados sob a ótica da antipsiquiatria. Esse exercício aplicado à leitura das relações intersubjetivas estabelecidas entre os narradores-personagens-leitores de *Mongólia* e à noção de estrutura narrativa do romance tenta estabelecer conexões entre esse complexo processo de construção de identidade complementar e seus reflexos na cartografia do livro.

No segundo capítulo tentamos atribuir ao texto de Bernardo Carvalho o *status* de metaficção historiográfica para enfatizar a complexidade do cruzamento entre os discursos histórico e ficcional. A intenção de construção narrativa como ordem totalizante, como discurso linear, teleológico, percebida na postura dos narradores-personagens-leitores gera, paradoxalmente, um espaço fragmentado.

Para tentar demonstrar essa fragmentação recorreremos aos argumentos da teórica Ulla Mussara que descreve no texto “Narrative discourse in postmodernist texts the conventions of de novel and multiplication of narrative instances” aspectos de romances pós-modernos que possuiriam como características a fragmentação, a descontinuidade e a não-seleção. Aspectos melhor visualizados pela exploração de artifícios como a duplicação do processo de escrita e a divisão da narrativa em várias instâncias. As instâncias que exploramos foram a extra e a hipodiegética.

Usando os argumentos de Gilles Deleuze e Felix Guattari, demonstramos as principais características de um sistema rizomático e promovemos a aproximação entre o conceito de rizoma e o conceito de multiplicação de instâncias narrativas para evidenciar aspectos como o fragmentado, o não-linear e o rizomático.

No terceiro capítulo de nossa pesquisa falamos de fenômenos caóticos e da história do surgimento da ciência do caos. Citamos trabalhos de cientistas como Michell Feigenbaun, Benoit Mandelbrot, Edward Lorenz e Ilya Prigogine para tentar entender o que seria considerado como um fenômeno caótico e quais suas principais características. Descrevemos com um pouco mais de atenção termos como não-linearidade, fractalidade e complexidade porque acreditamos serem conceitos importantes na comprovação ou não de nossa hipótese, que apresentamos agora: diante da complexa teia literária da narrativa de *Mongólia* questionamos: trata-se de uma narrativa que se comporta como um sistema caótico?